

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LORIANNY DE ANDRADE GABARDO**

**ESTUDO PRELIMINAR DA TROCA DE DOMINÂNCIA EM LIBRAS**

**CURITIBA**

**2018**

**LORIANNY DE ANDRADE GABARDO**

**ESTUDO PRELIMINAR DA TROCA DE DOMINÂNCIA EM LIBRAS**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Letras Libras - Licenciatura, do Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. André Xavier

**CURITIBA**

**2018**

# ESTUDO PRELIMINAR DA TROCA DE DOMINÂNCIA EM LIBRAS

LORIANNY DE ANDRADE GABARDO

## RESUMO

Apesar da simetria anatômica, a lateralidade cerebral resulta em uso assimétrico das mãos também na sinalização. Sinalizantes com dominância lateral à direita, em geral, preferem sua mão direita para a realização de sinais canonicamente monomanuais, para o início do movimento em sinais bimanuais equilibrados e para o desempenho do papel ativo em sinais bimanuais não-equilibrados, ou seja, realizados com uma das mãos servindo ponto de articulação. Em algumas situações, no entanto, observa-se a *troca de dominância*. Precisamente, vê-se que os sinalizantes usam sua mão não-dominante para desempenhar as funções típicas da mão dominante na sinalização. O objetivo deste trabalho é investigar casos em que esse fenômeno ocorre. Para isso, foram analisadas duas contações da “História da pera” por duas sinalizantes surdas do estado de São Paulo. Os resultados indicam que para elas, as motivações para a troca de dominância foram: a referencialidade espacial, a co-produção de dois sinais ou uma combinação de ambas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Troca de dominância. Referencialidade espacial. Simultaneidade.

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Xavier (2014), as línguas de sinais diferem marcadamente das línguas orais na sua modalidade de produção e percepção. Enquanto as línguas orais são articuladas pelos órgãos do trato vocal e majoritariamente percebidas pela audição, as línguas de sinais são produzidas por movimentos da cabeça, dos músculos da face, dos membros superiores e do torso e percebidas pela visão.

Apesar dessa diferença, muitas semelhanças entre esses dois conjuntos de línguas são observadas, mesmo no nível da articulação. Como exemplo disso, pode-se citar que tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais a realização concreta do significante linguístico envolve um articulador ativo e outro passivo, ou

seja, uma parte do corpo que se move em direção a outra, respectivamente. No caso das línguas orais, o principal articulador ativo é a língua e os passivos são os alvéolos, o palato, entre outros (SOUZA; SANTOS, 2003, p. 19). Já no caso das línguas de sinais, os principais articuladores ativos são a(s) mão(s) e os passivos compreendem regiões no corpo (cabeça, face, tronco, braços), na mão não-dominante e no espaço em frente ao corpo (XAVIER, 2006).

O uso das mãos na sinalização apresenta semelhanças com seu emprego na realização de outras atividades. Conforme explica Nascimento (2011), quando escrevemos, usamos talheres, atendemos ao telefone, tendemos a usar mais uma das mãos. O uso assimétrico das mãos resulta da lateralidade ou dominância, descrita pela autora como segue:

De acordo com Pacher e Fisher (2003) é de amplo conhecimento que o hemisfério direito controla a metade esquerda do corpo, ao passo que a outra metade é controlada pelo hemisfério esquerdo. Segundo as autoras, havendo dominância do hemisfério esquerdo, teremos um indivíduo destrímmano e quando ocorre a dominância do hemisfério direito, teremos um indivíduo sinistrómano. De acordo com Teixeira (2000), uma vez que o controle corporal pelo córtex cerebral é predominantemente cruzado, o lado corporal contrário ao hemisfério cerebral dominante tem maior potencial de controle do que o lado corporal ipsilateral (NASCIMENTO, 2011, p. 48-49).

Nascimento (2011, p. 49) reporta que, segundo a literatura, a lateralidade pode se manifestar de quatro formas principais:

- (1) Destralidade verdadeira: a dominância lateral à direita e preferência pelo uso dos membros direitos;
- (2) Sinistralidade verdadeira: dominância lateral à esquerda e preferência pelo uso dos membros esquerdos;
- (3) Falsa sinistralidade: adoção da sinistralidade por conta de uma paralisia ou amputação;
- (4) Falsa destralidade: inverso da falsa sinistralidade.

Além desses quatro tipos, a autora também menciona a existência de outras possibilidades. Segundo ela, a lateralidade ou dominância pode se apresentar

“cruzada, na qual há discordância estabelecida entre o lado preferencial utilizado pelo membro superior e inferior, ou entre olho e membros; ambidestra, em que as tarefas são realizadas com habilidade similar por ambos os membros; e lateralidade mal definida, quando não há estabelecimento da utilização preferencial dos segmentos do corpo”. (NASCIMENTO, 2011; p. 50).

A respeito da preferência por uma ou outra mão, Nascimento reporta que:

Teixeira (2006) em sua fala acrescenta que, a definição da preferência manual é predominantemente empregada através da forma da escrita, que segundo o autor seria uma maneira simplória de classificar a preferência manual em uma única tarefa, visto que, a escolha de uma das mãos deve ser observada em graus variados de acordo com a tarefa motora. O autor também nos diz que o indivíduo pode apresentar preferência para uma das mãos para executar tarefas como escrever e em contrapartida usar a outra mão preferencialmente em outras tarefas motoras de naturezas distintas. Ratifica ainda que, se um indivíduo possui uma clara preferência lateral em uma tarefa, isto não significa que seu desempenho motor também seja melhor do lado preferido (NASCIMENTO, 2011, p. 50).

Considerando-se que as línguas de sinais têm as mãos como seus principais articuladores ativos e que os sinais, conforme aponta Xavier (2014), podem ser articulados com uma ou as duas mãos, a lateralidade ou dominância influenciará sua articulação. Segundo Battison (1978), os sinalizantes tendem a preferir sua mão dominante, direita ou esquerda, para produção de sinais canonicamente monomanuais, para iniciar o movimento em sinais bimanuais equilibrados e para desempenhar o papel ativo em sinais bimanuais não-equilibrados, isto é, em sinais realizados com uma mão em movimento, portanto ativa, e com a outra parada, logo, passiva. Apesar disso, o autor menciona que, em certas circunstâncias, sinalizantes invertem o uso das mãos. Esses casos são por ele designados *troca de dominância* e, basicamente, consistem no uso da mão não-dominante para desempenhar papéis típicos da mão dominante.

Este trabalho objetiva investigar a troca de dominância na Libras. Precisamente, por meio da análise da contação de uma mesma história por duas sinalizantes, pretende-se aqui identificar casos em que elas empregam sua mão não-dominante no lugar de sua mão dominante, bem como levantar hipóteses sobre as razões que subjazem a esse fato.

Na próxima seção, será apresentada uma breve revisão dos processos relacionados com o uso das mãos durante a sinalização, como forma de contextualizar a troca de dominância entre eles. Na sequência, será descrita a metodologia de coleta e análise de dados. Por fim, serão reportados os resultados, seguidos das considerações finais.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Os itens lexicais das línguas de sinais são majoritariamente articulados pelas mãos<sup>1</sup> (XAVIER, 2006). Estas, por sua vez, podem ser descritas como *dominante* ou *não-dominante* e *ativa* ou *passiva*. A mão dominante é, em geral, a preferida pelo sinalizante para realizar sinais canonicamente realizados com uma mão, para iniciar o movimento em sinais tipicamente feitos com duas mãos em movimento e para desempenhar o papel de mão ativa em sinais feitos com uma mão de apoio. A mão não-dominante, por sua vez, em geral, é preterida para as mesmas funções. Caracteriza-se como ativa a mão que apresenta movimento e passiva a que fica parada, servindo de ponto de articulação para a ativa (XAVIER, 2014). Pode-se ainda referir-se às mãos como *direita* ou *esquerda*, oposição que, segundo Battison (1978), não é fonologicamente distintiva nas línguas sinalizadas.

Sendo assim, isoladamente, os sinais, itens lexicais das línguas de sinais, podem ser caracterizados como mono ou bimanuais. Seguindo Xavier (2014), entre os segundos, há aqueles que são produzidos com duas mãos ativas, denominados como *sinais equilibrados*, e aqueles executados com uma mão ativa e outra passiva, designados como *sinais não-equilibrados*.

Em contexto, de acordo com o referido autor, observam-se alguns processos relacionados ao uso das mãos que podem afetar essa caracterização. Entre esses processos estão a *antecipação* e a *perseveração*, os quais consistem, respectivamente, em antecipar e perseverar a realização de um sinal, ou parte dele, com a mão não-dominante, durante a produção de outro(s) sinal(i)s com a mão dominante. Como exemplo de antecipação, pode-se citar a produção com a mão esquerda de parte do sinal ÁRVORE, durante a realização do sinal HOMEM (Figura

---

<sup>1</sup> De acordo com Xavier (2006), há pouquíssimos itens lexicais produzidos unicamente por meio de movimentos de partes da face.

1a). Conforme indicam as imagens na figura 1b, esse sinal compõe a estrutura seguinte, na qual se descreve um homem subindo a árvore.

Figura 1 – Exemplo de antecipação extraído da contação da história da pera por SN



(a)

(b)

Fonte: Corpus desta pesquisa

Como exemplo de perseveração, pode-se citar a produção com a mão esquerda de parte do sinal BICICLETA. Após a sua realização plena (Figura 2a), conforme indicam as imagens, a sinalizante mantém parte do referido sinal, porque ele integra a construção MONTAR-NA-BICICLETA (Figura 2b).

Figura 2 – Exemplo de perseveração extraído da contação da história da pera por RA



(a)

(b)

Fonte: Corpus desta pesquisa

Além desses processos, Xavier também cita o *espelhamento*, a *simultaneidade*, a *duplicação* e a *unificação*. No espelhamento, observa-se a mão em repouso ou parcialmente retraída copiando as características e os movimentos da mão em movimento. Isso acontece no exemplo da figura 3, em que a sinalizante, apesar de fazer referência a uma única pessoa caminhando, apresenta a outra mão,

parcialmente retraída, espelhando as características da mão que articula o sinal PESSOA-ANDAR.

Figura 3 – Exemplo de espelhamento extraído da contação da história da pera por RA



Fonte: Corpus desta pesquisa

A simultaneidade, por sua vez, ocorre quando se articulam dois sinais ao mesmo tempo, ou quando a mão não-dominante realiza uma parte de um sinal anterior ou seguinte, enquanto a mão dominante produz outro sinal. No exemplo a seguir, na figura 4, a sinalizante produz, simultaneamente, os sinais CONTINUAR, com a mão direita, e TRABALHAR, com a mão esquerda.

Figura 4 – Exemplo de simultaneidade extraído da contação da história da pera por SN



Fonte: Corpus desta pesquisa

Dado que o sinal TRABALHAR é canonicamente bimanual, para ser simultaneamente produzido com outro, ele precisou sofrer *unificação*. Segundo Xavier, por meio desse processo, sinais tipicamente realizados com duas mãos passam a ser produzidos com uma. O processo contrário também pode ocorrer, ou seja, sinais normalmente produzidos com uma mão podem ser articulados com duas, sofrendo assim o que o autor designou como *duplicação*. Como exemplo de duplicação, pode-se citar o sinal PEGAR, que, embora seja canonicamente

monomanual, provavelmente por referir-se a vários eventos de pegar, foi realizado com duas mãos (Figura 5) (SANCHEZ-MENDES; XAVIER, 2016).

Figura 5 – Exemplo de duplicação extraído da contação da história da pera por SN.



Fonte: Corpus desta pesquisa

Por fim, Xavier cita a troca de dominância, foco de interesse deste trabalho. Como explicado na seção anterior, esse processo consiste no uso da mão não-dominante para desempenhar papéis típicos da mão dominante durante a sinalização, a saber, realização de sinais monomanuais (Figura 6a), o início do movimento em sinais bimanuais equilibrados (Figura 6b) e atuação como mão ativa em sinais bimanuais não-equilibrados (Figura 6c). Os exemplos a seguir mostram os mesmos sinais sendo produzidos por diferentes mãos em contextos diferentes, ilustrando, assim, o processo em discussão.

Figura 6 – Exemplo de duplicação extraído da contação da história da pera por RA



(a) HOMEM



(b) BICICLETA



(c) ÁRVORE

Fonte: (a) e (b): Corpus desta pesquisa. (c): Corpus de Xavier (2014)

No presente estudo, objetiva-se identificar casos de troca de dominância em duas contações da “História da pera” por duas sinalizantes surdas do estado de São Paulo, bem como levantar hipóteses para a sua ocorrência.

### **3. METODOLOGIA**

#### **SUJEITOS**

Os dados analisados neste trabalho resultam da contação em Libras da “História da pera”, a ser descrita na subseção a seguir, por duas sinalizantes surdas bilíngues (libras e português). Uma, daqui em diante referida como SL, tinha 44 anos quando foi filmada contando a referida história e a outra, RA, 42. Ambas nasceram em famílias ouvintes e, conseqüentemente, aprenderam libras tardiamente: a primeira aos seis e a segunda aos sete anos de idade. As duas passaram a infância e a juventude na cidade de São Paulo. Atualmente, apenas uma reside nessa cidade. A outra morava há aproximadamente 6 anos em Indaiatuba, interior do estado de São Paulo, quando participou da filmagem. As duas sinalizantes têm formação superior e atuam como professoras de libras para ouvintes.

## DADOS

As contações da “História da pera” aqui analisadas fazem parte do acervo pessoal de Xavier. Elas foram coletadas em 2012 no estúdio da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) de São Paulo. A coleta consistiu, primeiramente, em sessões individuais, na apresentação através de um notebook do vídeo “História da pera”<sup>2</sup> para SN e RA. A isso seguiu a contação em Libras por cada uma delas para o pesquisador, ouvinte, mas usuário de libras, que a registrou em vídeo.

## ANÁLISE

A análise das contações da “História da pera” se deu por meio do *software* livre *Eudico Language Annotator*, ELAN<sup>3</sup>, o qual permite, entre outras coisas, a realização de anotações sincronizadas ao vídeo. Essa anotação foi realizada em duas trilhas: uma para anotar os sinais produzidos pela mão dominante e outra para anotar os realizados pela mão não-dominante, como ilustra a figura 7.

---

<sup>2</sup> A “História da pera” consiste em uma história encenada e filmada sem linguagem verbal. Ela tem duração de seis minutos e foi produzida na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1975, pelo professor Wallace Chafé. O referido professor a utilizou para eliciar narrativas em diferentes línguas. Entre nós, há pesquisadores empregando-a para eliciar narrativas em Libras (McCLEARY; VIOTTI, 2007; McCLEARY et al., 2010). Resumidamente, o filme se inicia com um homem subindo em uma árvore para coletar peras. Passados uns minutos, aparece um garoto com sua bicicleta, o qual se depara com as cestas. Disfarçadamente, pega uma cesta e a coloca em sua bicicleta, saindo de fininho. Durante seu trajeto pela estrada, o menino se distrai e tropeça numa pedra e derruba a cesta roubada. Com isso, aparecem três garotos que o ajudam a se levantar e a colocar todas as peras em sua cesta novamente. Ele vai embora numa direção e os meninos em outra. Porém, estes encontram o chapéu do menino da bicicleta que havia caído e dão um grito para chamá-lo. Eles o entregam ao menino e, em forma de agradecimento, este lhes dá uma pera. Ao descer da árvore, o homem que coletava peras olha para as cestas e repara que está faltando uma. Logo depois, os três garotos passam por ele. O homem os olha fixamente e, pensativo, coça a cabeça. A história pode ser acessada através do link: [http://pearstories.org/pears\\_video.htm](http://pearstories.org/pears_video.htm).

<sup>3</sup> Link: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/>

Figura 7 – Tela do ELAN contendo as duas trilhas de anotação



Fonte: Produzida pelos autores

Os sinais, por sua vez, foram transcritos por meio de glosas, seguindo as convenções de Felipe e Salermo (2001, p.24). As convenções empregadas na transcrição deste trabalho são listadas no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Convenções para a glosa de sinais

	CONVENÇÃO	EXEMPLO
Nome do sinal com apenas uma palavra	Letras maiúsculas	ARRUMAR, SUMIR
Nome do sinal com mais de uma palavra	Unidas por hífen	PEGAR-CESTA, COLOCAR-CESTA
Marca de gênero	Substituída pelo @	BAIX@
Forma verbal	Uso do infinitivo	ARRUMAR, SUMIR

Fonte: Adaptada de Felipe e Salermo (2001)

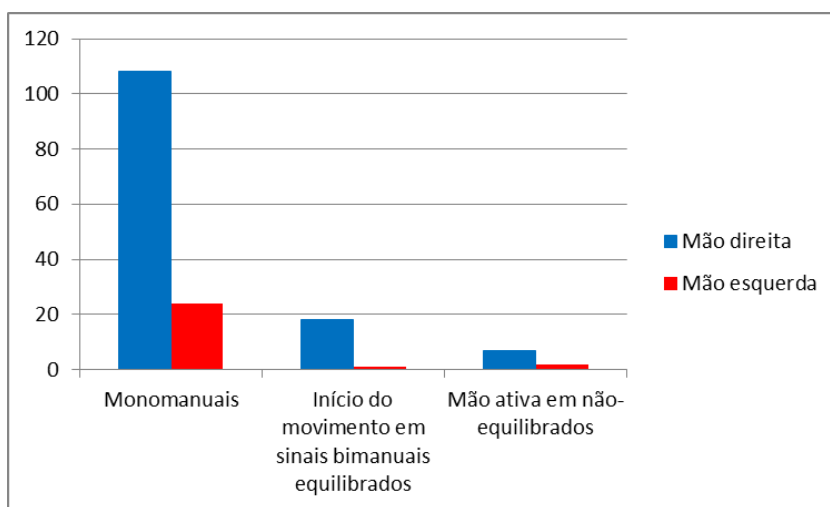
#### 4. RESULTADOS

Foi realizado um levantamento de todos os sinais monomanuais, bimanuais equilibrados e bimanuais não-equilibrados produzidos por cada uma das sinalizantes, objetivando determinar a mão preferida para a sinalização de ambas, logo, a dominante, e, com base nisso, identificar os casos em que ocorre a troca de dominância. Precisamente, contabilizou-se com qual mão o sinal monomanual foi articulado, qual mão iniciou o movimento em sinais bimanuais equilibrados e qual mão desempenhou o papel ativo em sinais não-equilibrados. Na contagem desses

dados, não se distinguiram as produções de sinais diferentes das recorrências de um mesmo sinal.

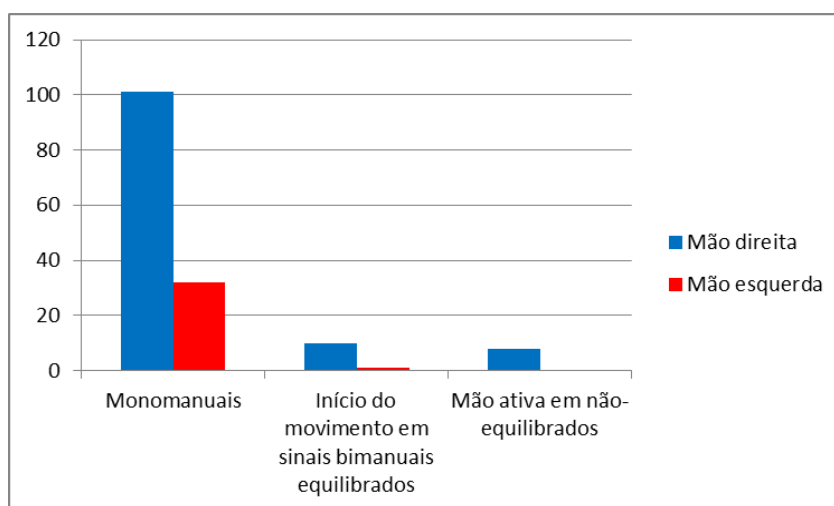
Os resultados desse levantamento são apresentados nas figuras 8 e 9. Eles sugerem que ambas as sinalizantes têm dominância à direita, uma vez que preferem a mão direita para realizar sinais monomanuais, para iniciar o movimento de sinais bimanuais e para desempenhar o papel ativo de sinais não-equilibrados<sup>4</sup>.

Figura 8 – Uso das mãos por SN por tipo de sinal



Fonte: Produzida pelos autores

Figura 9 – Uso das mãos por RA por tipo de sinal



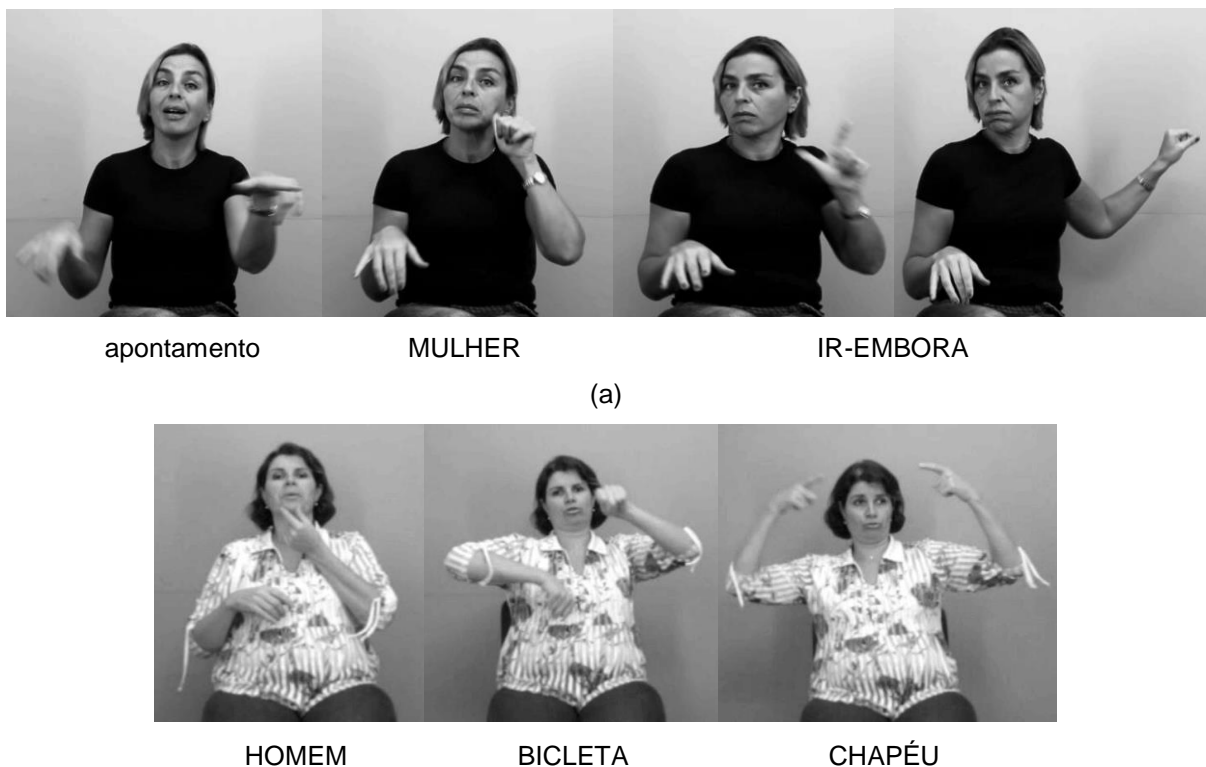
Fonte: Produzida pelos autores

<sup>4</sup> Sinais bimanuais equilibrados em que ambas as mãos iniciam o movimento conjuntamente ou em que a mão direita inicia o movimento foram reunidos no mesmo grupo e sua contagem contrastada com a de sinais bimanuais equilibrados com movimento iniciado pela mão esquerda. Tanto entre esses sinais, quanto entre os não-equilibrados, foram contabilizados casos de unificação, ou seja, casos em que sua realização foi apenas com uma mão.

Diante desses resultados, entende-se que troca de dominância ocorreu justamente quando as funções típicas da mão dominante foram desempenhadas pela mão esquerda na produção dos sinais acima referidos. Do ponto de vista quantitativo, as sinalizantes não diferem muito entre si em relação à ocorrência desse fenômeno.

A análise dos 56 casos de troca de dominância sugere quatro motivações principais para sua ocorrência: (1) a referencialidade espacial, (2) a simultaneidade, (3) uma combinação de (1) e (2) e (4) o ambiente fonológico. A referencialidade espacial diz respeito à disposição de eventos e referentes no espaço de sinalização e a consequente partição do corpo, refletida no uso das mãos direita e esquerda para referência a espaços contíguos (LIDDELL, 2003). No exemplo apresentado na figura 10a, SN estabelece para a referência da menina da “História da pera” uma localização à sua esquerda, por meio de um apontamento também realizado com a mão esquerda. Após isso, ela reporta o que aconteceu com a personagem em discussão, sinalizando com a mão esquerda. Algo muito parecido acontece no exemplo apresentado na figura 10b. Como mostram as imagens, RA emprega sua mão esquerda para referir-se tanto ao menino da bicicleta quanto à localização, também à esquerda, e às ações, relacionadas a ele no espaço de sinalização.

Figura 10 – Exemplos de troca de dominância motivada pela referencialidade espacial





apontamento

BICICLETA

VIR

(b)

Fonte: Extraída do corpus desta pesquisa

A simultaneidade, por sua vez, se refere à produção de dois sinais ao mesmo tempo, um em cada mão (VERMEERBERGEN, 2007). Interessam-nos aqui casos em que a mão não-dominante desempenha o papel de mão ativa, enquanto a mão dominante se mantém estacionária realizando outro sinal ou parte de outro sinal. Como ilustração desse caso, pode-se citar a produção de RA (Figura 11), na qual a sinalizante mantém a articulação do sinal SEGURAR-PERA na mão direita e produz, com a mão esquerda, o sinal LIMPAR.

Figura 11 – Exemplo de troca de dominância motivada pela simultaneidade



mão direita: DAR-PERA----- SEGURAR-PERA-----  
 mão esquerda: SEGURAR-PERA----- LIMPAR

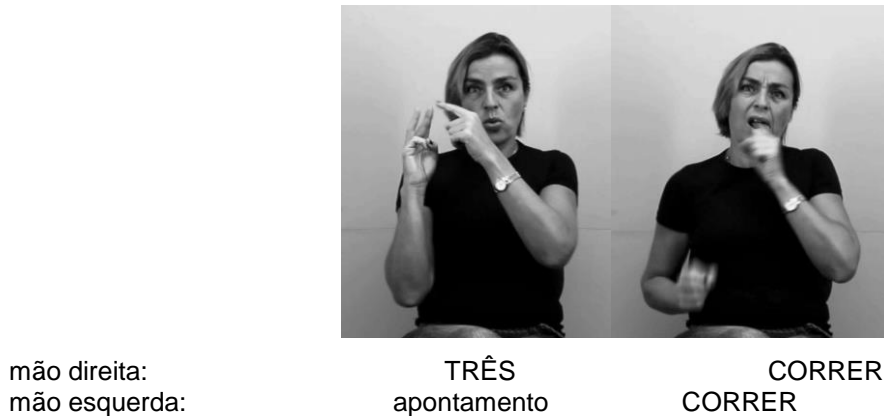
Fonte: Extraída do corpus desta pesquisa

Já a combinação entre a referencialidade espacial e a simultaneidade diz respeito a situações em que a mão dominante continua articulando um sinal anterior e, com isso, “força” a realização de outros com a mão não-dominante. Porém, diferentemente do caso anterior, isso ocorre porque a localização no espaço de sinalização do sinal articulado com a mão dominante parece ser muito relevante



direita, passiva, na construção anterior. O mesmo parece explicar a realização com a mão esquerda de ABANAR (Figura 13b) por RA. Como indicam as imagens, esse sinal é produzido logo após o sinal PEGAR-PERA, também articulado pela mão esquerda, enquanto a mão direita realiza um outro sinal, a saber, SEGURAR-BOLSO-DO-AVENTAL, durante todo esse fragmento.

Figura 13 – Exemplos de troca de dominância motivada pelo ambiente fonológico

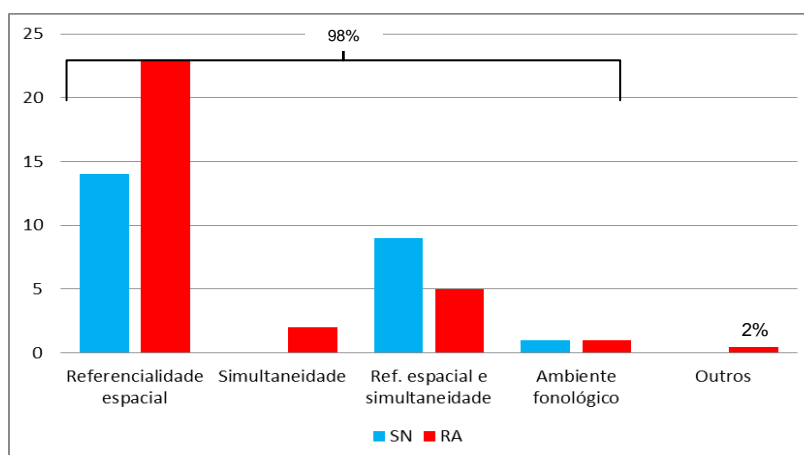


(a)



Essas quatro motivações abrangem 98% dos dados analisados neste trabalho. Para 2% deles, no entanto, não foi identificada motivação para troca de dominância, conforme se pode ver na figura 14.

Figura 14 – Frequência das diferentes motivações para a troca de dominância por sinalizante



Fonte: Produzida pelos autores

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar casos de troca de dominância na Libras e levantar possíveis motivações para sua ocorrência. Para isso, o estudo analisou duas contações da “História da pera” por duas sinalizantes surdas do estado de São Paulo. A partir da contagem da frequência de uso das mãos na articulação de sinais monomanuais, no início do movimento de sinais bimanuais equilibrados e no desempenho do papel ativo de sinais bimanuais não-equilibrados foi possível determinar qual a mão preferida das sinalizantes e, assim, identificar os casos de troca de dominância.

Esses casos foram examinados em seu contexto e, com base nisso, levantaram-se quatro motivações para o uso da mão não-dominante no desempenho de funções típicas da mão dominante. A primeira delas diz respeito à referencialidade espacial, fator que pode resultar na partição do corpo e emprego das mãos direita e esquerda para referirem a entidades e eventos espacialmente contíguos. A segunda motivação, por sua vez, se refere à simultaneidade, ou seja, à co-produção de dois sinais, um em cada mão. Já a terceira se vincula a uma combinação da referencialidade espacial com a simultaneidade. Em outras palavras, observou-se que em alguns casos o uso da mão não-dominante para realizar outros sinais foi motivado pela indisponibilidade da mão dominante que articulava um sinal ou uma parte de um sinal em uma localização referencialmente relevante para ele. Por fim, a quarta, se relaciona com o ambiente fonológico, ou seja, com o fato de o

sinal anterior ter sido realizado com a mão não-dominante e, por um processo de coarticulação perseveratória (XAVIER, 2014), o seguinte também o ser.

Embora essas quatro motivações, segundo a análise aqui apresentada, abranjam 98% dos dados, 2% não parecem ter razões muito claras para a troca de dominância, requerendo, assim, estudos adicionais.

Estudos como o reportado neste trabalho são de grande importância para um melhor entendimento da gramática da libras, o que, conseqüentemente, embasará o desenvolvimento de métodos e materiais didáticos para o ensino dessa língua tanto como L1 para surdos, quanto como L2 para ouvintes.

## REFERÊNCIAS

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

FELIPE, T.; SALERMO, M., **LIBRAS em Contexto – Curso Básico – Livro do Professor/ fitas de vídeo (Vol. I e Vol II)**. Brasília: MEC/SEESP/FNDE. 2001.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: LIMA-SALLES, H. (Org.). **Bilingüismo dos surdos: Questões lingüísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

McCLEARY, L. E., et al. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**, v. 54, p. 265-289, 2010.

NASCIMENTO, S. G. (2011): Lateralidade e Assimetria de Desempenho Manul em Distintas Tarefas Motoras: Estudo em Idosos Institucionalizados. Porto: **Dissertação de Mestrado** apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

SANCHEZ-MENDES, L.; XAVIER, A. N. A expressão da pluracionalidade em Libras. **Revista Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. 45, n. 1, 292-304, 2016.

SOUZA, P. C.; SANTOS, R. S. Fonética. In: FIORIN (Org.). **Introdução à Lingüística II: princípios de análise**. São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 9-31.

TEIXEIRA, L. A. (2001): Lateralidade e comportamento motor: assimetrias laterais de desempenho e transferência interlateral de aprendizagem. **Dissertação de Livre-docência** apresentada à Universidade de São Paulo.

PACHER, L. A. G.; FISCHER, J. Lateralidade e Educação Física. **Revista Leonardo Pós**. p. 1-9. 2003.

VERMEERBERGEN, M. et al. (Org.). **Simultaneity in Signed Languages: Form and Function**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 257-282.

XAVIER, A. N. Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2006. 175 p. **Dissertação (Mestrado em Lingüística)**. Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N. Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2014. 146 f. **Tese (Doutorado em Linguística)** - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.